
Covid-19 na voz das crianças: impactos e desafios

Narda Helena Jorosky [1] e Flavia Cristina Oliveira Murbach de Barros [2]

Resumo: O presente artigo tem por objetivo apresentar reflexões sobre o momento atual vivido em relação à pandemia do vírus, Covid-19, procurando observar pontualmente a situação das crianças nesse processo e perscrutar a escuta de suas vozes como principal fonte de análise. Os dados analisados foram colhidos em pesquisa realizada por alunos do 7º termo do curso de Pedagogia da Unifio - Ourinhos por meio de entrevistas organizadas e gravadas com crianças de 7 a 11 anos em meio à pandemia. Para elucidar essa questão, propusemos um breve resgate sobre o desenvolvimento infantil e os caminhos percorridos em torno das especificidades da criança para, na sequência, empreendermos a discussão acerca destas “vozes” em período de isolamento social. Do mesmo modo, foi levada em conta a relevância da sensibilidade, da escuta e do reconhecimento das crianças e suas necessidades específicas nesta nova conjuntura.

Palavras-chave: Infância. Pandemia. Escuta.

Covid-19 in children's voice: impacts and challenges

Abstract: This paper aims to promote a reflection on Covid-19 pandemic at the current moment, and children's situation in this process, being the listening to their voices the main source of analysis. The analysed data are those from a survey made by senior Education students from Unifio - Ourinhos, through organised and recorded interviews with children ages 7 to 11, in the midst of a pandemic. In order to enlighten this matter, it was brought at first a brief retrieval about the history of childhood and the paths taken regarding their particularities and afterward, a discussion about children's voice in a time of social isolation, as well as the importance of the sensitivity, listening, and awareness of children and their particularities in this process.

Keywords: Childhood. Pandemic. Listening.

[1] Mestre em Educação. Docente do Centro Universitário das Faculdades Integradas de Ourinhos - UNIFIO-SP. E-mail: hjerosky@hotmail.com.

[2] Doutora em Educação. Docente do Centro Universitário das Faculdades Integradas de Ourinhos - UNIFIO-SP e professora substituta do Instituto Federal - Campus de Presidente Epitácio. E-mail: flaviacomurbach@gmail.com.

RESGATANDO A INFÂNCIA, A EDUCAÇÃO E AS ESPECIFICIDADES INFANTIS NA HISTÓRIA

Resgatar alguns pontos importantes do desenvolvimento infantil nesse momento de pandemia é medida fundamental para avaliarmos algumas das principais necessidades que, em meio ao novo contexto social, o grupo de indivíduos compreendidos entre 7 e 11 anos possui. Tratam-se de especificidades as quais é imperioso que reavivemos, ante um cenário em que a preocupação pedagógica é enorme e está focalizada no conteúdo, em procedimentos escolares e na utilização de atividades remotas para as crianças que, muitas vezes, acabam por apresentar dificuldades adaptativas perante necessidades impostas pela condição de ensino à distância implantadas em função da pandemia do novo coronavírus.

A noção do que seja infância, seus modos de abordagem (seja psicológica, seja biologicamente etc.) e o reconhecimento das especificidades infantis tal como conhecemos atualmente é algo historicamente recente. Segundo Postman (1999), a ideia de infância surgiu na Renascença. Foi, portanto, no século XVI que tiveram raízes as discussões sobre a criança e seu desenvolvimento, assim como a infância em seu caráter social, psicológico e histórico. Naquele período, as concepções sobre essas questões ainda eram muito rudimentares. Não obstante, muitos destes tópicos ainda são investigados na contemporaneidade. Baseando-se nos estudos de Postman, Barros & Couto (2019), podemos apreciar um fenômeno histórico relevante nas transformações do modo como a infância e a criança passaram a ser consideradas:

O surgimento da prensa tipográfica, no século XVI, criou uma nova forma de conceber a idade adulta, pois uma nova simbologia se instalava, a escrita, a leitura e a reflexão destinadas aos adultos. Nesse contexto, ler e escrever eram atos exclusivos de gente grande, o que implicou na exclusão das crianças do universo adulto no surgimento de outro *habitat*, a infância. (POSTMAN; BARROS & COUTO, 2019, p. 2018).

Segundo as autoras, a prensa marca assim uma preocupação maior com as crianças e suas especificidades, o que também, como consequência, motivou a discussão de novos olhares direcionados ao desenvolvimento infantil revigorados pela sensibilidade de diversos artistas retratados pelas diversas formas artísticas e pela literatura. O brincar, atividade particular da criança, também começa a ser visto de outra forma, agora com um sentido de pertencimento à infância.

Temos como destaque as pesquisas históricas realizadas por Áries (1978) sobre o diário do médico Heroard, (século XVIII) material que reconstituía a infância do rei francês Luís XVIII (1755-1824), em evidência das atividades lúdicas utilizando-se de brinquedos além da participação das peças teatrais, de ouvir histórias, de participar de danças e do canto. Áries trouxe em suas obras a primazia e a importância da brincadeira; a presença do lúdico na história da infância, o que mostra que o caráter social, histórico e psicológico específico do desenvolvimento infantil se fortalece e, claro, se complexifica.

Já Kuhlmann (2012) avança nessas discussões e afirma a importância de termos consciência de que a História não se constitui enquanto uma sucessão de fatos lineares. Para ele, é

fundamental, destarte, que se compreenda que:

No lugar de postular uma sucessão de fatos que iriam da inexistência à existência de um sentimento de infância, acompanhado do progresso das concepções pedagógicas, a compreensão do passado precisa levar em conta as tensões existentes em torno das relações sociais que constituem os processos históricos (KUHLMANN, 2012, p. 22).

O autor aponta para uma questão fundamental, reiterando que o cenário político e social ao longo da história são o pano de fundo para a construção social e histórica das concepções de infância e das próprias práticas pedagógicas.

Sarmento (2001) também salienta que a infância tal como é entendida hoje em dia acaba por tornar-se uma categoria distinta e universal, compreensão esta que desconsidera suas identidades e especificidades produzidas em cada espaço e tempo, influenciados pela própria globalização e suas relações políticas e a econômicas. Dito de outro modo, a globalização estaria propiciando uma espécie de generalização também do modo como criança e infância são abordadas enquanto conceitos.

Isto posto, cabe a pergunta retórica: qual a relevância desta retomada a propósito do momento atual marcado pela pandemia do novo coronavírus?

A História, como se sabe, proporciona reflexões importantes em relação ao processo de conquistas e desafios sobre a construção da infância, lembrando que atividades específicas das crianças passaram a ser reconhecidas como fundamentais para o desenvolvimento

infantil, tais como o brincar, o ouvir histórias, o fomento da imaginação, da capacidade de fabular, a participação em atividades lúdicas e de construção e a relação coletiva nos espaços - discussões que se fortaleceram no Brasil, no início dos anos 1980, por meio de pesquisas em diversas áreas do conhecimento como a psicologia, a educação, a filosofia, a antropologia, a neurociência e a sociologia.

No momento atual, o que é possível observar, por meio de relatos e da situação social generalizada pelo contexto pandêmico, é uma grande preocupação com as atividades escolares e seus cumprimentos diante das normativas estabelecidas. Entretanto, é possível implantar tais modificações cotidianas tão drásticas sem se levar em conta o cuidado e a atenção fundamental que de as crianças carecem num momento de crise tão delicado?

Referimo-nos, claro, ao cuidar de suas emoções, sentimentos e afetos em um momento conflituoso para todos, mas sobretudo para as crianças que viram, repentinamente, perdidas muitas das garantias cotidianas que lhes geravam a importante sensação de segurança. Tiveram, assim, suprimidos seus espaços de brincar, o contato físico com o outro, o movimento de aprender coletivamente e de expressar seus afetos.

Em nenhum momento, todavia, este artigo pretende tecer qualquer crítica ao uso de tecnologias para que as crianças possam realizar suas atividades escolares, dada a evidência do quão imperioso é este processo de adaptação e não interrupção total do processo pedagógico. Não obstante isso, a preocupação refere-se ao *modus* pelo qual o uso dessas ferramentas se dará. Será que

as crianças pertencentes especificamente à educação infantil e aos anos iniciais do ensino fundamental possuem desenvolvidas as capacidades plenas de concentração ante a necessidade de estarem de três a quatro horas diárias sentadas, “sozinhas” diante de um computador, ao invés do contato interpessoal estimulante da sala de aula? Como responder tais questões e driblar eventuais obstáculos que neste contexto se coloquem?

Considere-se, também, que tais crianças estão em momento de apropriação dessas funções psicológicas superiores¹. Como está sendo para elas terem de realizar atividades (ou tarefas) que muitas vezes perdem o sentido fora de seus contextos e tempos? Então, o que significa “atividade” para a escola? Coloca-se aqui a importância da distinção entre a *quantidade* das lições solicitadas e a especificidade da tipologia do que é pedido, isto é, a pertinência que a lição possua em relação à *adequação* desta com o novo meio em que o aprendizado dar-se-á. São novos questionamentos que o advento da crise vem impondo, urgindo para que tais reflexões se teçam no calor do momento.

Nas definições de Leontiev:

Chamamos atividade principal aquela em conexão com a qual ocorrem as mais importantes mudanças no desenvolvimento psíquico da criança e dentro da qual se desenvolvem processos psíquicos que preparam o caminho de transição da criança para um novo e mais elevado nível de desenvolvimento (LEONTIEV, 1988, p. 122).

1 Ver: VYGOTSKY, L. S. El problema del desarrollo de las funciones psíquicas superiores. In: Obras Escogidas. Madrid: Visor, 2000a. v. III: 11-46.

Segundo o autor, atividade é aquilo que a criança realiza em um determinado tempo e espaço e que realiza mudanças significativas em seu desenvolvimento, ou seja, a atividade precisa ter sentido e significado para a criança. Autores do ensino à distância também destacam questões fundamentais para refletirmos sobre a apropriação do conhecimento pelo ser humano em seu processo de ensino-aprendizagem. Em destaque, a pesquisadora e professora da UEG, Mirza Seabra Toschi, salienta que é necessário dominar algumas questões sobre os alunos em relação ao ensino à distância:

Estão motivados à auto-aprendizagem? Possuem habilidades de estudo autônomo? A educação à distância é adequada a qualquer geração de alunos? Os jovens conseguem conviver com a distância de grupos de estudo presenciais e possuem disciplina para o estudo individualizado? Estão aptos a gerir seu próprio processo de aprendizagem? (TOSCHI, 2008, p. 36).

As crianças pequenas estão preparadas para responder tais perguntas? As famílias estão preparadas para respondê-las por seus filhos pequenos, em busca de melhores escolhas? As crianças da Educação Infantil e anos iniciais do Ensino Fundamental estão motivadas à autoaprendizagem considerando que suas funções superiores, levando em conta a teoria de Vygotsky, estão em processo de formação? E será que as crianças estão em “atividade” na perspectiva de elevar o nível de desenvolvimento psíquico diante de tantas mudanças repentinas de rotina, espaços e tempos?

Todas essas preocupações têm afligido aos educadores e, diante de tantos estudos e pesquisas ao longo do tempo, evidencia-se cada vez mais a necessidade de cuidarmos de

nossas crianças, de suas dúvidas, sentimentos e afetos. É necessário construir com elas e não para elas, um caminho a seguir.

Para isso, ouvi-las é fundamental, e é nessa perspectiva que o presente trabalho foi pensado; ouvi-las para tentar interpretá-las em suas angústias, dúvidas e aflições para que possamos ajudá-las nesse momento árduo que todos estamos vivenciando.

Assim, a infância, a criança e suas especificidades necessitam ser respeitadas, pois “também devem ser consideradas as relações que essa criança estabelece, bem como suas expectativas frente ao mundo que se descortina” (COUTO & BARROS, 2019, p. 224). E é a partir da voz das crianças em tempos de isolamento social que tentaremos descobrir como elas estão “descortinando” o mundo nesse momento.

A voz das crianças em tempos de isolamento social

Estamos vivendo um momento ímpar em todo o mundo. O novo coronavírus se propagou rapidamente por todos os continentes e ao chegar a nosso país, conforme indicado pelos órgãos mundiais de saúde e outras organizações, iniciou-se um período de isolamento social determinado pelos governos estaduais. O surgimento deste vírus que provoca uma síndrome respiratória chamada Covid-19 fez com que medidas fossem tomadas e escolas e estabelecimentos comerciais fossem temporariamente fechados; transportes alterados e rotinas completamente modificadas pelas famílias, o que atinge diretamente a todas as crianças. Agora, tais crianças vivem um

período de isolamento completamente novo, não experimentado por elas, o que impôs o confronto com a alteração drástica do tempo para um planejamento por parte das famílias para uma mudança adequada nas rotinas e cuidados com as crianças.

Muitos no país se adaptaram às mudanças, muitas restrições foram adotadas. Assim, as crianças em sua maioria estão em casa, sendo cuidadas por seus pais ou pessoas próximas em tempo integral, sem poder se relacionar como outras crianças, ir à escola, ao parque ou a qualquer outro lugar em que o exercício do convívio social se pudesse exercitar.

Muito se vê e ouve sobre o que pais, mães, professores, gestores e políticos têm a dizer em relação às dificuldades e adaptações deste momento em que as crianças precisam estar protegidas. A Covid-19 é uma doença contemporânea, muito recente e ainda em fase de investigação, de modo que não há vacinas, nem medicamentos comprovados para combatê-la. Matérias em telejornais, boletins informativos sobre os casos, textos de especialistas e diferentes mídias sobre o que fazer com as crianças em casa, mudanças na economia e na educação são algumas das fontes que problematizam questões a serem pensadas e discutidas acerca de como enfrentar o problema da criança na pandemia. Mas, com tantas falas e discursos, onde está a voz das crianças e sua participação ativa na sociedade neste momento? Como elas estão vivendo? O que estão fazendo? O que pensam sobre isso? Este artigo visa a proposição desta reflexão e a conversão destas perguntas em buscas ativas por respostas pertinentes à melhoria da qualidade de vida dos pequenos.

Através desta busca pela escuta das crianças, esta pesquisa se concretizou com o intuito de realizar uma aproximação do mundo infantil e das formas de as crianças verem este momento atípico e interpretá-lo em tempos de isolamento social em todo o país, suas dificuldades e possibilidades de interação, seja com adultos ou com outras crianças. Como professoras do curso de licenciatura em Pedagogia no Centro Universitário das Faculdades Integradas de Ourinhos (Unifio), através de novas metodologias, aulas à distância, por conta da pandemia, as autoras deste artigo realizaram discussões semanais sobre a participação ativa das crianças, principalmente neste momento em que estão sendo privadas de sua liberdade de ir e vir para o bem de sua saúde e da sua família.

A partir destes momentos, como parte da disciplina, foi sugerido às alunas do curso que buscassem ouvir o que as crianças tinham a dizer. As entrevistas estruturadas por elas tomaram forma e foram realizadas em abril de 2020 com crianças próximas e houve todas as providências necessárias, higienização e distanciamento para que a metodologia da investigação não infringisse as normas de segurança necessárias para evitar-se o contágio. Buscando ouvi-las e conhecer suas visões sobre o vírus, o motivo do isolamento ou até mesmo o que esperam quando este período passar, sete crianças foram entrevistadas e após seu aceite e de seus responsáveis, as entrevistas foram realizadas e gravadas.

Há uma busca neste curso de Pedagogia por reflexões e referenciais teóricos que possibilitem uma compreensão interdisciplinar, dialógica e dialética. Desta maneira, com base em estudos histórico-culturais, se faz

necessário o entendimento da importância da vivência das crianças em seu meio social e cultural, sendo fator indispensável para o seu desenvolvimento pleno. Esta pesquisa também conta com a contribuição dos estudos feitos pela Sociologia da Infância que se propõe a constituir a infância como objeto sociológico, resgatando-a de perspectivas que a reduzam a um estado intermédio de maturação do desenvolvimento humano e que possam interpretar as crianças como indivíduos que se desenvolvem independentemente da construção social, o que seria evidentemente falacioso.

Desta forma, a tentativa de compreender a criança e seu lugar neste momento é fundamental e reveladora do quanto ainda é preciso avançar na tarefa de assumir a criança e a infância com essa perspectiva de futuro, já que refletir o universo infantil das crianças de hoje é também um passo importante para um melhor direcionamento das formações dos adultos do futuro. Para Sarmento (2007), a infância é uma categoria social do tipo geracional formada por sujeitos ativos. Sujeitos estes que agem e interpretam o mundo produzindo padrões culturais. A geração, aqui, consiste em um grupo de pessoas nascidas na mesma época, que estão compartilhando este mesmo acontecimento social e experiência histórica. Leve-se em conta a capacidade que as crianças possuem de construir, de forma sistematizada, modos de significação do mundo e de ação intencional, que são distintos dos modos por meio dos quais os adultos o significam e sobre ele agem (SARMENTO, 2002). Por este motivo, ouvi-las é parte essencial deste momento histórico, como parte integrante e ativa do nosso exercício ético e político como cidadãos.

É importante enfatizar que a infância contemporânea constitui-se de modo particularmente complexo e plural. As crianças participam de diferentes formações familiares e estão inseridas em diferentes contextos e culturas, concomitantemente, sobretudo com o advento da Internet e do adiantado processo de globalização midiática. O meio em que se desenvolvem é predominantemente o do adulto, mas para compreendê-lo e relacionar-se com ele de modo saudável, a criança vai se apropriando de diversos referenciais impostos de modo mais ou menos anacrônico. Entretanto, reinterpreta-os à sua maneira, elegendo o que “faz sentido” para ela, por meio de processos de apropriação, reinvenção e reprodução realizados pelas crianças (CORSARO, 2011).

Os saberes das crianças compõem a produção da vida social, interferindo nela diretamente, sendo ou não levados em consideração, visto que é por meio de tais saberes e vivências que as crianças ordenam suas práticas nos vários espaços em que convivem, criam situações, apresentam demandas e problemas que envolvem a vida. Com o início do isolamento social, estes saberes estão mais presentes em suas famílias, alterando o dia a dia, a visão dos pais, da educação e da própria interação. É daí que se afirma que elas devem ser vistas como um componente ativo e estrutural na organização da dinâmica da sociedade.

Conhecer as crianças impõe, por suposto, conhecer a infância. Isto vale por dizer que os itinerários individuais, privados e singulares de cada criança só fazem completo sentido se perspectivados à luz das condições estruturais que constroem e condicionam cada existência humana. Essas condições (...) exprimem o conjunto de constrangimentos estruturais que cada

membro da sociedade continuamente sofre, interpreta, reproduz e refaz na sua interação com os outros (SARMENTO, 2002, p. 268).

Não se pode pensar a criança como quem ainda “será”, apenas como o futuro, mas sim como atores capazes de criar e modificar culturas no presente. Saber ouvir as crianças e buscar suas interpretações para o mundo é conhecer um ponto de vista diferente daquele que os adultos seriam capazes de ver e interpretar no mundo social ao qual pertencem. As crianças são participantes ativas, não só atentam aos problemas como também buscam respostas, criam hipóteses e teorias sobre o que vivem.

Uma escuta sensível e ética

Na pesquisa com crianças há sempre a investigação das relações (VYGOTSKY, 1984) fazendo com que o ato em si de ouvi-las seja fundamental. É preciso captar-lhe a essência e procurar entender a criança, escutar o que foi dito mas igualmente o não dito, valorizar sua narrativa, procurar conhecê-la a partir de si mesma, de seus discursos e ações, considerando-a como a chave de leitura dela mesma. Nesta perspectiva, faz-se necessária uma sensibilidade enraizada na teoria em dialética com a *práxis*, tornando tal relação reflexiva por meio de uma formação consciente, crítica e com quebras de paradigmas.

Ouvir as crianças é também reconhecer a legitimidade do que dizem especialmente quando se trata de decidir sobre situações que interferem em suas vidas. A participação delas em qualquer atividade acadêmica tem que ser entendida à luz de preocupações éticas, que são de grande importância para

o desenvolvimento de investigações com o grupo geracional da infância, muitas vezes sem poder, sem voz. Cabe, assim, analisar o respeito à privacidade da criança e a consideração acerca do seu consentimento ou recusa em participar do processo investigativo. Para Milne, “é um processo de construção de uma sociedade inclusiva para os cidadãos mais novos” (MILNE, 1996, p. 41). Destarte, não apenas os responsáveis precisam assinar termos de consentimento e uso de imagens, mas também as crianças como protagonistas de suas vontades, sendo necessário o uso de suas competências para conseguir participar significativamente de qualquer processo em que elas estejam envolvidas.

Após uma conversa das alunas do curso de Pedagogia com as crianças, houve o pedido de consentimento para realização e gravação da entrevista através de um documento de escrita simples e claro. As crianças, todas acima de 7 anos de idade, escreveram seus nomes no campo indicado após a leitura completa do documento. Após seu consentimento, os pais receberam um termo de consentimento do uso de imagem e participação com as mesmas informações contidas no outro documento, abrangendo dados pessoais e participação voluntária de seus filhos. Todas as crianças aceitaram participar e seus responsáveis também consentiram.

As alunas de Pedagogia formularam as questões em pequenos grupos e uma delas foi escolhida para ir até a casa da criança ou, em alguns casos, a criança foi até a sua casa para que pudesse conversar e gravar suas falas. O material audiovisual foi entregue, condensado, utilizado na íntegra e está disponível através deste [link](#).

Após as gravações, foi realizado um encontro virtual pela Unifio com as professoras participantes desta pesquisa e a reunião buscou entender e ouvir as falas das crianças em tempos de Pandemia. O encontro intitulado “Covid-19 na voz das crianças: impactos e desafios” aconteceu em 29/04/2020 às 19:30h e foi transmitido ao vivo no canal da Instituição pelo Youtube com a participação das alunas, professores e professoras do curso de Pedagogia. O material pode ser acessado pelo [link](#).

Em nossas disciplinas, no curso de Pedagogia, há uma preocupação constante para entender a linguagem como experiência criativa ininterrupta e também compreender a concepção de infância como categoria da história; e das crianças como sujeitos sociais, que produzem linguagem e, portanto, também cultura. Ao pensar na formação destas pedagogas, Leontiev (1978) afirma que a relação dos alunos com a vida, com a cultura e com o conhecimento condiciona os sentidos que elas atribuem às suas experiências e à formação de sua personalidade.

Dessa forma, pesquisar a pedagogia na relação teórica e prática do ensino superior torna-se fundamental para aproximá-las às novas vivências, oportunizando a construção de novos olhares sobre as crianças, cultura e sociedade, redirecionando suas futuras práticas pedagógicas com vistas ao rompimento de uma visão “adultocêntrica”, hierárquica para assumir que as crianças são atores sociais plenos, competentes na formulação de interpretações sobre os seus mundos.

Quem são nossas crianças em tempos de covid-19?

Faz-se necessário alargar os olhares sobre as crianças e suas infâncias. Ultrapassar a imagem criada das crianças em seu ambiente familiar ou como alunos nas escolas e compreender que elas circulam e se relacionam com seus pares e adultos em diferentes espaços ou movimentos, de maneiras também distintas e com níveis diferentes de complexificação. Ao depender dos espaços, grupos sociais e movimentos, as crianças revelam diferenças de olhares providas dos adultos com quem interagem.

Crianças mostram diferentes facetas, comportamentos e interesses e estabelecem vínculos diversos. Têm protagonismo, expressão ou participação, em função de inúmeros fatores internos e externos. Portanto, classificar, avaliar ou julgá-las fica absolutamente fora de cogitação, pois elas são surpreendentes em suas reações, emoções, preferências, ao mostrar maior ou menos conforto, interesse e participação, dependendo do momento, do lugar e daqueles com quem convivem (FRIEDMANN, 2020, p. 55).

Desta maneira, buscar entender por onde as crianças circulam, e com quem convivem, pode ser um grande desafio. Compreender como e onde as crianças sentem-se completas, como parte integrante, é significativo. Na zona rural ou urbana, nas cidades grandes ou pequenas, de classes sociais diferentes, com acesso ou não à tecnologia, à natureza, às artes. Todos estes aspectos fazem diferença e precisam ser levados em consideração quando o assunto é a escuta sensível das diferentes falas das crianças.

É importante ressaltar que vivemos um período considerado por muitos pensadores como pós-moderno, onde tudo se tornou ágil, acelerado e descartável. Ao pensar na infância atual, com crianças vivendo de forma tão drástica suas diferentes infâncias, é fundamental a busca por reflexões junto às práticas educacionais e cotidianas. Afinal, devemos levar em consideração suas particularidades e diferentes formas de expressão para entender seus saberes e incorporá-los às formas de relação entre crianças e adultos.

Assim, é preciso evidenciar as práticas, interações e relações sociais das crianças entre si e com os adultos, no cotidiano de suas vidas. Essas são entendidas como estritamente determinantes na construção dos significados, expressões e representações, as quais são sempre articuladas aos contextos e trajetórias particulares de vida e às situações e/ou oportunidades específicas com as quais se defrontam. Além disso, reconhecemos que nós realizamos apropriações particulares daquilo que vivemos e observamos, em contextos particulares de vida.

A infância contemporânea, inevitavelmente, é plural. Participa de diferentes formações familiares e está inserida em diferentes contextos e culturas. O meio em que as crianças contemporâneas se desenvolvem é, predominantemente, do adulto, mas para compreendê-lo a criança vai se apropriando dos referenciais culturais hegemônicos. Entretanto, também os reinterpreta à sua maneira, utilizando-se de referências previamente construídas em trajetórias particulares e sociais de vida.

As crianças participantes das entrevistas gravadas em vídeo pelas acadêmicas do curso de Pedagogia têm entre 7 e 11 anos de idade, estruturas sociais e familiares diferentes, alguns pais e mães estão em casa, outros estão trabalhando normalmente durante a pandemia. Há uma menina que fica com a avó o dia todo, ajuda a cuidar do seu irmão já que a mãe trabalha e o pai está preso. São de cidades diferentes do interior do estado de São Paulo e norte do Paraná. Todas estão recebendo materiais de forma virtual e/ou participando de aula on-line. As questões foram organizadas pelas alunas do curso na busca de informações para ouvir o que as crianças tinham a dizer sobre o distanciamento social, a falta da escola, amigos, enfim, de suas rotinas durante a pandemia.

Reprodução interpretativa e as falas infantis

Na busca por ouvir as crianças e buscar suas interpretações, há uma necessidade de conhecer um ponto de vista diferente daquele que nós, adultos, seríamos capazes de ver e de interpretar no mundo social ao qual pertencemos. Para isso, faz-se presente o conceito de reprodução interpretativa que se articula como oposição às teorias tradicionais sobre a infância. Segundo Corsaro, “O termo interpretativo abrange os aspectos inovadores e criativos da participação infantil na sociedade [...]” (2011, p. 31); já o termo reprodução, para Corsaro, “inclui a ideia de que as crianças não se limitam a internalizar a sociedade e a cultura, mas contribuem ativamente para a produção e mudança culturais” (2011, p. 31).

Para Corsaro (2011), as crianças são agentes sociais ativos e criativos que, na interação com os grupos sociais com que se relacionam, e com os contextos de vida em que estão inseridos, produzem suas próprias e exclusivas culturas infantis e, ao mesmo tempo, contribuem para a produção das sociedades adultas. Ao pensar na reprodução interpretativa, é preciso pontuar que as crianças não só imitam ou internalizam a sociedade e a cultura a que pertencem, mas contribuem, de forma ativa, para a produção cultural, ao se apropriarem, (re)produzirem e reinventarem sentidos e ideias, na tentativa de compreenderem ou buscarem um significado para a realidade à sua volta. As crianças “querem criar e compartilhar emocionalmente o poder e o controle que os adultos têm sobre elas” (CORSARO, 2011, p. 39).

Ao analisarmos as falas das crianças, é possível perceber que todas têm a consciência de que precisam estar em suas casas; que neste momento tal medida é importante para se proteger do coronavírus. Todas as crianças disseram durante a entrevista que sentem falta dos amigos e da escola. Uma das meninas entrevistadas, E (9 anos) disse que conversa com a amiga que mora na mesma rua por cartas:

Acadêmica: Você fica brava de ficar sozinha?

E: Fico

Acadêmica: Bem brava?

E: Não, só brava

Acadêmica: Conta pra mim, você tem amigos aqui na redondeza da sua casa?

E: Tenho

Acadêmica: Como chama seu amigos?

E: Natalia, Luiz e Gabi

Acadêmica: E dá para brincar com eles agora?

E: Não

Acadêmica: Como você faz quando quer conversar, encontrar alguém?

E: Carta

Acadêmica: Carta? Você coloca no muro?

E: É

Acadêmica: E ela responde?

E: Responde

Através da fala de E (9 anos), é possível dizer que ela e sua amiga reinventaram uma forma de se comunicar, afinal, antes da pandemia, não existia esta troca de correspondências entre elas. Assim, estão tendo a oportunidade de vivenciar a função social da escrita, ou seja, a comunicação tradicional vivida mais intensamente pela geração de seus pais e avós. Ao defender esta ideia, Freinet afirma que “o essencial é que a criança sinta o valor, o sentido, a necessidade, o alcance individual e social da escrita-expressão”. Além disso, “A escrita só tem sentido se for para além do alcance de nossa voz” (FREINET, 1978, p. 40). A escrita é uma forma de comunicação e houve a necessidade de utilizá-la para além dos muros de suas casas. E (9 anos) e sua amiga fazem uso da troca de correspondências através de seus muros e portões como forma de interação, transcendendo o limite de isolamento, ampliando suas vozes e driblando esta dificuldade. É instigante pensar na opção por esta solução, quando contextualizada no mundo tecnológico avançado que estamos vivendo. As crianças estão muito expostas, muitas vezes de forma excessiva a celulares e computadores com muitos aplicativos e programas. Todavia, neste caso, foi a escrita manual que prevaleceu na relação afetiva entre as duas meninas.

Noutro contexto, a fala de T (8 anos) merece destaque ao conceituar o coronavírus:

T: Olá gente, meu nome é T.V. e hoje eu vou falar sobre o coronavírus. O coronavírus é que pica a gente e a gente fica triste.

Acadêmica: Ele pica você, T? E quando ele pica você, como você se sente T?

T: Triste

Acadêmica: Triste...E fica doente?

T: Fica

Acadêmica: E o que mais acontece com a gente?

T: Fica doente, com o nariz entupido, fica com febre e vomitando.

Aparentemente, a menina T (8 anos) relata alguns sintomas e formas de transmissão da dengue, outra doença presente na atualidade, provocada pela picada de um mosquito que pode estar contaminado. T (8 anos) afirma que quando o coronavírus “pica”, há tristeza. Ela traz em sua fala a referência da tristeza junto ao momento que está vivendo, não afirma ter sido picada, mas em dois momentos atesta que a doença causa este sentimento e, posteriormente, fala de alguns sintomas, alguns provocados pela Covid-19. Em outro momento diz que não é possível ver o vírus e que para ele ser combatido, os super-heróis virão para nos ajudar.

Esta última fala é destacada por nós para refletir sobre a espera da criança a fim de que tudo acabe com a ajuda destes personagens que carregam significados simbólicos importantes como superação de adversidades, construção de identidade pessoal, elementos de ética, moral, justiça, enfrentamento de medos, de situações de violência, entre outros (WESCHENFELDER, 2011). Possivelmente, há influência midiática na fala de T.

(8 anos): a mídia, principalmente televisiva, participa ativamente do processo cognitivo das crianças contemporâneas, sendo muitas vezes uma mediadora entre elas e a realidade, ganhando espaço na formação subjetiva de algumas crianças. A maneira como a imagem dos heróis é transmitida e significada para as crianças propõe um mundo de magia. Para Paiva (2003, apud LOEB; MORRIS, 2005, p.25):

Os super-heróis mostram-nos que os perigos podem ser enfrentados e vencidos. Eles exibem o poder do caráter e da coragem acima da adversidade. E assim, até quando lidam com nossos medos, os super-heróis podem ser inspiradores.

Estes personagens fazem parte da cultura simbólica da infância (CORSARO, 2011) já que é parte de uma mídia direcionada às crianças. Elas se apropriam, usam e a transformam, a fim de utilizá-la ativamente em suas experiências e situações que precisam de respostas. São parte do imaginário infantil. Além disso, pode haver uma intenção de espera da presença da figura paterna, já que seu pai não está presente no ambiente familiar em que vive atualmente.

Esta é uma particularidade, evidentemente. Mas todas as crianças entrevistadas falam, genericamente, da escola e da falta dos amigos. V. (8 anos) também carrega em sua fala o elemento da tristeza, diz que o coronavírus causa este sentimento “[...] porque não posso mais fazer as minhas coisas”. Além disso, ao ser questionado sobre o que espera quando o período de pandemia acabar, ele responde rapidamente: “Eu espero muitas felicidades também, porque eu vou poder sair para a rua, brincar, ir para a escola”.

Para muitas crianças, no período demarcado como primeira infância, é na instituição de educação infantil que ocorrem suas relações com outras crianças e também com outros adultos para além daqueles presentes em seu núcleo familiar. É por meio das interações com tal meio, com sua materialidade, suas relações com os adultos e, principalmente, com outras crianças, que suas percepções são interpeladas e passam a constituir novas formas de subjetivação e de relação com o mundo.

As instituições escolares são espaços que agregam mais do que conhecimento científico às crianças. Nestes locais há socialização, as crianças influenciam e são influenciadas de forma interpessoal, emocional e afetiva. É um espaço interativo onde estão presentes muitas atividades, brincadeiras e rotinas das culturas de pares, ou seja, as crianças se apropriam criativamente de informações do mundo adulto para produzir suas próprias culturas (CORSARO, 2011). Para Vygotsky (1984, apud DAVIS; OLIVEIRA, 1993) “o ser humano cresce num ambiente social e a interação com outras pessoas é essencial ao seu desenvolvimento”. As interações estão presentes no ambiente escolar. Sendo assim, a educação escolar pode ser compreendida como um processo social e as falas das crianças evidenciam o quanto as relações na e da escola são relevantes para elas, como microcosmos do mundo fora dela.

Algumas considerações

A chegada da Covid-19 em nossas rotinas trouxe inúmeras transformações na organização familiar, de trabalho, lazer e até mesmo mudanças em nossos hábitos e costumes

mais básicos e arraigados. Tal transformação radical ocorreu de maneira rápida e foi bruscamente que tivemos de nos reinventarmos como pais, profissionais e não só. As modificações na rotina dos adultos consequentemente afetam a rotina das crianças. E é preciso que a saúde não apenas física, mas mental e emocional delas, seja cuidada neste momento com particular atenção.

A escola passou a “ser” em casa, os amigos não estão mais presentes diariamente e as relações sociais se modificaram. O uso da tecnologia por aparelhos como *tablets*, celulares e computadores passaram a fazer parte dessa rotina de forma mais incisiva, remodelando nossas ações perante a vida. Nessa perspectiva, trouxemos esse trabalho como tentativa inicial de alerta aos adultos da necessidade de escutar as crianças nesse momento árduo, para que possamos, juntos, cuidar intensamente de seus afetos e sentimentos como também da própria nova relação que estão construindo diante da pandemia.

Esta pesquisa teve como pretensão ouvi-las, ainda que a partir de um pequeno *corpus* de entrevistados, e adquirir seu próprio conhecimento e entendimento de como estão vivenciando este período histórico de pandemia, cada qual em seus contextos sociais, específicos, mas privadas da liberdade que havia antes da transmissão viral. Foi um processo introdutório de pesquisa com crianças proposto às futuras professoras. Contudo, trouxe já muitas informações e reflexões ao partir da fala das crianças que devem ser interpretadas e ampliadas em estudos futuros. Concomitantemente, o exercício de

escuta e procedimentos éticos, ao pesquisar “com” e não “sobre” as crianças, foi alcançado; assim, as discussões realizadas pelo grupo organizado, após esta prática, apresenta uma sensibilidade e olhar mais maduros e críticos sobre a importância de se dar voz às crianças.

Assim, ao buscar conhecer crianças nas suas diferentes realidades, aprender a partir de suas singularidades, esta pesquisa mostra-nos que escutar e observar as crianças em tempos de isolamento social, mudanças e privações, torna-se pauta e necessidade para compreender o período que estamos vivendo, ainda mais do que já o seria em outros momentos. As famílias têm vivido um cotidiano bastante estressante, afetando vínculos entre seus membros e a escola. A partir da escuta e participação ativa das crianças na tomada de decisões em questões que afetam suas vidas, pais, familiares e escola poderiam criar estratégias diferenciadas e sensivelmente personalizadas para que, juntos, tendo as crianças como parte atuante deste processo, possam superar as dificuldades e priorizar os cuidados com suas infâncias.

Por fim, talvez este aprendizado agregue qualidade de educação, aprofundamento relacional e pedagógico não apenas para o período de pandemia que estamos vivenciando, mas para um futuro próximo em que também nós, adultos, estaremos quem sabe aptos a nos reeducarmos, à distância ou não, para tantas questões fundamentais e pouco pensadas por nós acerca da sociedade que, afinal, nós ajudamos a construir.

Referências

- ARIÉS, P. **História Social da Criança e da Família**. Rio de Janeiro: LTC - Livros Técnicos e Científicos Editora S.A. 1978.
- CORSARO, W. A. **Sociologia na infância**. Porto Alegre: Artmed, 2011.
- COUTO, N. S.; BARROS, F. C. O. M. Crianças, infância e jogo de papéis: alguns apontamentos sobre sua história e historicidade. In: OLIVEIRA, E.G. de; SILVA, F. da; DIAS, M.R.D, (org.) **Educação para o século XXI: entre desafios e perspectivas**. 1.ed. - São Paulo: Diálogo Freiriano, 2019. p. 217 - 230.
- DAVIS, C; OLIVEIRA, Z. **Psicologia na educação**. São Paulo: Cortez, 1993.
- FREINET, C. **Método Natural III: a aprendizagem da escrita**. Tradução de Teresa Marreiras. Lisboa, Portugal: Editora Estampa, 1978.
- FRIEDMANN, A. **A vez e a voz das crianças: escutas antropológicas e poéticas das infâncias**. 1.ed. São Paulo: Panda Books, 2020.
- KUHLMANN JR. M. Infância: construção social e histórica. In: VAZ, A. F; MOMM, C. M. **Educação Infantil e sociedade: questões contemporâneas**. Nova Petrópolis: Nova Harmonia, 2012. (p. 21-38)
- LEONTIEV, A. Os princípios psicológicos da brincadeira pré-escolar. In: VYGOTSKY, L. S.; _____. El problema del desarrollo de las funciones psíquicas superiores. In: **Obras Escogidas**. Madrid: Visor, 2000a. v. III, p. 11-46.
- LURIA, A. R.; LEONTIEV, A. N. **Linguagem, desenvolvimento e aprendizagem**. São Paulo: Ícone/Edusp, 1988.
- MILNE, B. **Children's rights and the changing face of work in the field**. PLA Notes: 41, 1996.
- PAIVA, F. da S. **Histórias em quadrinhos e a influência na educação dos leitores: Exemplos de Batman e Superman**. Disponível em: http://www.alb.com.br/anais17/txtcompletos/sem16/COLE_2676.pdf. Acesso em 25 Nov. 2018.
- POSTMAN, N. **O desaparecimento da infância**. Rio de Janeiro: Ed. Graphia, 1999.
- SARMENTO, M. J. A globalização e a infância: impactos na condição social e na escolaridade. In: GARCIA, R. L.; LEITE FILHO, A. (org.). **Em defesa da Educação Infantil**: Rio de Janeiro: DPJA, 2001. p. 13-28.
- SARMENTO, M. J. Gerações e alteridade: interrogação a partir da sociologia da infância. In: **Educação social**. Campinas, vol.26, n.91, p.361-378, maio/ago. 2007.
- SARMENTO, M. J. **Infância, exclusão social e educação como utopia realizável**. **Educação & Sociedade**, ano XXIII, n. 78, p, 265-283, abril/2002.
- TOSCHI, M. S. **O tempo e o espaço e a educação a distância**. **EccoS Revista Científica**, vol. 10, núm. 1, janeiro-junho, 2008, pp. 23-38 Universidade Nove de Julho, São Paulo, Brasil. Acessado em: 02 de junho. 2020.
- VYGOTSKY, L. S. **A formação social da mente**. São Paulo: Martins Fontes, 1984.
- WESCHENFELDER, G. V. **Aspectos educativos das histórias em quadrinhos de super-heróis e sua importância na formação moral, na perspectiva da ética**. Mestrado em Educação, Centro Universitário La Salle, Canoas, RS, Brasil. 2011.

Recebido em: 30/06/2020

Aceito em: 30/07/2020